

QUARTA-FEIRA
Lisboa--14 de Janeiro de 1931

5 TOST sempre
100

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

243



sempre
five semanário
humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

Um córte... na canalisação



hoje a conta fecha a água.

—Não pague, Maria, pelo amor de Deus, não pague.



Os ditos da semana



da e não volta Qualquer dia destes um sabio vai deitar um foguete. E o mundo ficará de olhos arregalados a vê-lo subir, tal qual como a malta das romarias deante dum foguete de lagrimas. E que este foguete propõe se ascender a 80.000 mil metros e o sabio lenciona recolher uma amostra daqueles ares onde o foguete, se é que as tem e as leva, ha-de largar as três respostas do estilo.

Por nossa parte pomos serias duvidas em que o foguete possa subir tão alto. Não sabemos mesmo se haverá ceu para tanto.

E quanto tempo levará o foguete na viagem? 80.000 metros não são, mesmo para um foguete coisa de pouca monta.

Afinal estes sabios não sabem nada. Metem-se nestas cavalarias sem nos consultar e depois admiram-se de fazer asneira.

La que o foguete suba não duvidamos nós. Se houver ceu para isso tambem nos não espanta que ele atinja os 80.000 metros. E tudo questão de mecha apenas.

O peor—e é isso que o sabio não sabe—é que enquanto o foguete vai e vem a terra raspa-se. E lá se vai a amostra dos ares que o sabio queria engarrar como quem engarrava vinho da Madeira.

E assim, para evitar que o foguete ao regressar já não encontre a terra no seu lugar, o que estava indicado, era mandar um galego acompanhá-lo e industriá-lo sobre a nova direcção da terra, porque o foguete é analfabeto e a esse é que não se pode dar um papelinho com a nova morada da terra.

Mas os sabios que julgam saber tudo, nada nos perguntaram. Tambem não terão que admirar se de que o foguete não saiba voltar para traz. De mais a mais, com os foguetes acontece exactamente o contrario do que acontece comoseo: para cima é que todos os santos ajudam.

O grande segredo A aviação italiana realizou ha dias grande façanha. Foi ao Brazil. Dos 12 aviões que partiram chegaram lá 10, o que é uma ótima percentagem. A viagem efectuou-se com uma rapidez e especialmente com uma limpeza que fez o assombro do mundo.

Estamos em crer que já não

ha dificuldades para a aviação italiana. Assim como foi ao Brazil irá a qualquer parte do mundo, por mais distante que seja. A questão está apenas no numero de aviões que partem e a habilidade consiste em saber fazer as contas para determinar quantos aviões devem partir.

Aquilo que nós já fizemos e que outros países tem feito é muito contingente. Tenta-se a travessia do Atlantico com um avião e, se ele vai para o fundo, lá se foi a travessia. E como quem quizesse matar uma perdiz, metendo na espingarda um unico bago de chumbo. E isso é coisa que ninguem faz. Carrega-se o cartucho com duzentas e cincoenta de chumbo e atira-se; algum bago ha-de chumbar a perdiz. Este é que era o grande segredo que só os italianos souberam descobrir.

Quer dizer: mata-se sempre a perdiz. O que ha é que se perde muito chumbo. Mas mata-se.

Cá e lá Em Los Angeles, uma mulher desafiou um advogado para se bater em

duelo. Isto de uma mulher desafiar um homem, não é novidade nenhuma, nem coisa de que a America possa ter o exclusivo. Tambem por cá ha disso. E quando uma mulher nos desafia já sabemos que teremos de nos bater com ela e que é sempre ela que leva a melhor. A diferença que ha é que, entre nós, estes duelos se realisam sem padrinhos, porque nós não gostamos de encomodar ninguem e até é costume escolher um sitio escuso, onde não possa haver testemunhas.

E outra diferença ainda: quando a gente se bate com uma mulher, as armas, em geral só aparecem depois.

Uma vocação Branly, o inventor da T. S. F. está na miseria, mas conta oitenta e seis anos e é sadio e robusto.

Entrevistado por um jornalista acerca da sua saude e da sua longa vida, Branly, atribuiu uma e outra ao facto de se alimentar apenas com uma maçã.

Ora nós não nos admiramos de que ele tenha desco-

berto a T. S. F. A um sabio não custa nada descobrir qualquer coisa. Tambem o sr. Antonio Cabreira descobriu o calendario perpetuo e não fez torça nenhuma.

O que nos admira é a vocação de Branly para funcionario publico no nosso paiz. Uma maçansita e pronto... está comido.

O calendario Parece que pensam em reformar o calendario. Nada mais justo. Ao fim de tantos seculos de cumprir os seus deveres é absolutamente logico que o reformem.

O peor é que o não querem reformar com os seus vencimentos por inteiro. Querem comer-lhe um dia, mas em compensação dão-lhe dois dias brancos. O que nos falta saber é se os dias brancos não tem noites ou se as noites tambem são brancas. Ouvimos tambem falar em dar-lhe um mez a mais—assim uma especie de broas de Natal que, para muita gente, tem a forma de mais um mez de ordenado. Se assim for bem vai ao calendario.

E já agora estamos com curiosidade de saber se nos dias brancos tambem se trabalha ou se são verdadeiramente brancos. Naturalmente a santa casa aproveitará esses dias para fazer andar a roda e então é que já se sabe que é tudo branco.

Perguntas sem resposta Porque foi que a mãe Eva tambem pagou as lavas, se só o pae Adão comeu a maçã?

Qual é o grande romancista portuguez a não ser Aquilino Ribeiro?

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguezas...	Semestre:	16\$00
	Ano:	30\$00
Metropolitana.....	Ano:	24\$00

N. B.—O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que se assina-se pelo correio.

Anuncios Isto, agora, é por tabela.

Dr. Manoel Barbosa



Um medico que cura a falta de ar e a quem não falta dar consultas do grupo de Pedagogos e Acadêmicos de Lisboa. Foi cá e curou, dar uma consulta a cada um dos seus alunos—muito obrigado—porque ele tambem não exige mais por isso... Já não se sabe se é o pae das pedras, se o carrasco das herxigas.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

Brincando...
Beatriz Costa, a mais linda mascotte do teatro português, foi outro dia vítima duma epistola que o seu simpatico e cordial colega Carlos Leal dirigiu a Erico Braga. Nós ainda não recebemos nenhuma epistola do compe da Rapioca, mas enquanto ela não vem—é fatal, ou dois e dois não fossem aritmeticamente quatro—sempre lhe vamos dizer as mesmas coisas, naquelle ar benevolo que a amizade permite.

Seramente...
Mas antes corremos para enciclopedia seccia, que se aprende no seccelo—para os meninos não jularem do cabaço que não dizem. Havia, em Athenas, um phlo de grande talento, chamado Apelles. Tinha muita nomeada e podia a frescos deliciosos, bastantemente porque eram quasi sempre regas pupantes e semi-nuas, de eroticos e mais castos deuses do Olympo. Um dia, Apelles expoz a porta do seu atelier uma tela que representava uma deliciosa mulher, sentada, tendo na ponta do pé direito ou esquerdo uma chinelinha encantadora. E pôse del'ca do quadro e ouvir os comentarios dos zoilos. Ouviu-os encomiasticos, banais, depreciativos, mas não se manifestou, nem se irritou. Podiam não ser justos, mas eram sinceros. Cada um e cada qual falava do que entendia... Os adolescentes, da beleza da mulher. Os colegas do pintor, do dese: ho ou das tintas. Os te-

celões, da tunica, e assim por diante.

Já quando caia a tarde, parou em frente do quadro o sapateiro de Apeles. Em voz alta e muito justamente, criticou o quadro no unico pormenor que ele podia entender: a chinelão. Estava mal feita. O artis'a ouvia e, lá no seu intimo, deu-lhe razão. O sapateiro, porém, foi muito torge. E, da chinelão, passou a analisar o resto do quadro, pois defeitos em tudo. Na cor dos olhos, na expressão da boca, no desenho das mãos, etc. Então, apelles, portou a cabeça e foi para a casa apparecer, de novo.

Amigo, não passe o tempo alem da chinelão!

Muita, não andas...

Que é como quem diz, eu ando a fazer de todas as horas, aplicando el caputo...

E sempre desoladamente a artista rejeita-se em tipo 8 e 10, da imprensa diaria ou semanal, aos coçgas. Quem com ferro mala, com ferro morre! Nós nao queremos matar o Carlos Leal, que viva por muitos annos e bons, mas sem delatar mão da pena!

A Beatriz Costa e, de facto, um valor no teatro português. Tem a defendê-la a mocidade, o talento, a garotice. Está na moda. Tornou-se o modelo dos caricaturistas. A sua elegancia decorativa de boneca de Lenci é disputada por todos os empresarios. Em arte vale quanto pesa. E, na sua carreira, não ha nenhum papel de cabotina, senão teriamos que vi-

Paz e Ônião



— Beatriz, perdõa ao Erico, que só ele é que sabia que eu sabia dizer mal de ti, e, se ele fosse discreto, eu continuava a ser o Carlos, o Leal, o amigo e colega dedicado. E' mais a mais tudo o que sabes... lui eu que te ensinei!

Luiz Cardoso



O genia, «regente» financeiro dos concertos do Fivoli

rã-lo do avesso, entregando-o ao colega mais proximo.

Va, juçam as paes! Numa mulher não se deve bater nem com um girasol! Que esta hier de retorica se transforme num ramo, num grande e perfumado ramo que hoje mesmo o Carlos Leal envie á Beatriz Costa, com as seguintes palavras, que fazemos nossas para ambos:

Sans rancune!

VAMOS ter os Dois Milhões, no Trindade, sendo protagonista Chaby Pinheiro. Dizem que é para rir, mas nós estamos convencidos que o Chaby vai fazer o papel muito a sério.

Aquilo está-lhe... na «massa» do sangue...

CONTINUAM as matinees infantis dirigidas por D. Fernanda de Castro e Erico Braga.

Se o Erico representasse podia fazer o papel de Cristo, dizendo: — Deixai vir a mim os pequeninos, que dos grandes estou eu livre!...

CHEGOU o Estação Amarante, que vai passar em frente do Avenida... agora pergunta-se: quem o mandou sair?

Não haverá um teatro para ele representar?

CONSTA que vai naver remodelação de artistas na companhia do Gimnasio. Já, e ainda agora a epoca começou! ...Não era melhor ficarem Sempre Noivos?...

A companhia do Variedades reunio-se na proxima semana, num almoço de confraternização. O prato obrigado é palo, de todas as maneiras que o Emauz o tem comido. Quem o paga desta vez é ele!...

LEOPOLDO Froes reaparece em Lisboa no Diabo em casa, que sobe brevemente a scena no teatro Nacional.

Não ha duvida! O diabo sempre teve cara de boa pessoa, tal qual o Froes.

DIZEM que o rabula duma revista em scena não é original dos autores.

Das duas uma... ou é ou não é!

DURANTE a representação da Misa França, um espectador tosse desabaladamente, ruidosamente. O cavalheiro dá frente, muito incomodado, intervem, dizendo:

— Acabe lá com isso, que não está nada!

E o outro:

— Não posso! As pernas da Misa França deram-me no gôto!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.



— Estes ovos que você me trouxe não ha um unico que esteja fresco.

— Como V. Ex.^a disse que vinha muito suado, imaginei que estando frescos lhe fizessem mal.

Cacharolete

E' tão grande o desafio,
Que a Imprensa berra aflita
Contra a falta de decoro
Com que no mundo se imita
O vinho do Alto Douro!

A defesa desse vinho
Está em muito boa mão
E eu, mais pobre e mais mesquinho,
Pugno, em termo comestivo,
P'lo vinho dum outro chão...

Passa a Imprensa açodada,
P'la Gomes, — pobre viuva, —
E passa, mal comparada,
Como, em chão que já deu uva,
Cão por vinha vindimada!...

Mas eu, gentil como sou,
Só ergo um brinde a dois nomes
Em toda a parte aonde vou:
Só bebo a Viuva Gomes
E a Viuva Chequot.

Se a Imprensa levanta um hino
Somente em louvor dos grandes,
Eu, que às vezes desafino,
Como um pobre João Fernandes
So defendo o pequenino.

Eu defendo o vinho tinto,
E é preciso que não esqueça
A vinha que dá o Arinho,
— Ainda que reconheça
Que o Porto é vinho distinto... —

Tanto a bebê-lo os exórtos
Que sei que dá vida aos mortos
E á alma um certo conforto;
E se me gritam: — Um Porto!
Respondo logo: — Dois Portos!

Mas não vou lutar em vão
P'lo Porto que o Douro exporta:
Que a vinicola questão,
Por natural condição
Não passa... da cépa torta!...

JOAO FERNANDES.

De Nova York a Berlim,
De Londres até Madrid,
maldiz-se a sorte ruim
em termos que eu nunca ouvi,
porque milhões de pessoas
não conseguem trabalhar,
apesar de tantas lóas
que estão fartas de escutar

A grande conflagração
ceifou tanta e tanta vida,
e, afinal, cada nação,
arrazada, combalida,
tendo perdido na guerra,
avós e filhos e país,
tendo mais ou menos terra,
parece ter gente a mais...

E é esta a razão primeira
de alastrar pelas nações
a sangrenta bebedeira
das cantantes rev'luções.
A onda revolta, em suma,
anda por cá e por lá...
— Pois se até tivemos uma
revolução... de Panamá!

O HOMEM DOS TIMBALES.

ABERTO TODA A NOITE
RESTAURANT LUNA
— RUA DE S. PAULO, 119 e 120 —
Licenças federais no 1.º andar

Graça dos outros

Na prisão:
O director: — O senhor tem um cadastro horrível! Espero que tenha aqui uma conduta exemplar. O que pensa fazer?
O preso: — Matar o tempo!...

* * *

O elegante: — Dêste á menina as flôres e os beijos de que te encarreguel?

O moço de fretes: — As flôres, sim, os beijos, não. Quando a la abraçar em seu nome, deu-me uma grande estalada...

* * *

— Olha, meu caro, estou convencido de que teu filho ha de ser um homem que muito se distinguirá.

— Sim? E em que imaginas que ele se distinguirá?

— Na longevidade... se viver bastante!

* * *

— Vês este homem que ali vai?

— Vejo!

— Foi vitima dum erro judicial!

— Como assim?

— Absolveram-no!...

* * *

O dentista: — Vamos... Abra a boca!

O paciente: — Como? Com todos

os estudos que o senhor tem não pode tirar-me um dente sem que eu tenha que abrir a boca?...

* * *

No circo:
O official de diligencias: — Venho fazer-lhe uma penhora!
O domador de leões, que está na jaula: — Perfeitamente! Faz favor de entrar!...

* * *

O senhor bondoso: — Porque queres que faça festas ao cão?
O menino manhoso: — Para vêr se ele morde!...

* * *

— Já te disse! O Antonio é um pessimo jogador!
— Mas porquê? Porque é malcreado quando perde?

— Muito pior, porque não perde nunca!

* * *

— Como, quarenta contos por este terreno que não tem mais do que oito metros de larg. por três de comprimento?

— Sim... mas já pensou na profundidade que tem?...

* * *

O dono do pomar: — Olá! O que vem a ser isso? Como estás tu aí em cima da maceira?

O rapaz: — Desculpe, senhor, caí agora mesmo dum aeroplano...



— O que fez aos seus cabelos sr. Costa?

— Dei-os todos ás minhas namoradas, minha senhora e como elas não cost imam devolver-mos... fiquei assim.

A Mulher e a Musica

Do «Correio de Aveiro» transcree:mos o seguinte artigo, que tem um certo interesse:

A mulher tem de concordar com o homem para haver HARMONIA. Da falta de concordancia resulta DESAFINAÇÃO. Quando a mulher fala em casamento está em TOM NATURAL; quando está desprezada e chora, está em TOM DE DO', mas se de outro lado lhe fizerem a corte, MUDA PARA LA'. O TOM DA MUSICA E' Relativo com o seu bom ou mau humor; quando sofre ALTERAÇÃO NO TOM PRIMITIVO, passa de MAIOR A MENOR, são PIZICATOS que VIBRAM NAS CORDAS do coração, enquanto que as ESPERAS são SONS DE PANCADARIA. A mulher muda com o TEMPO e ACIDENTES; o seu TOM é suave e MODERADO quando é MENOR; EXPRESSIVO e arrebatado quando é MAIOR. Enquanto nova é uma VALSA, quando velha uma MARCHA FUNEBRE.

Quando uma mulher casa, SOBE UM TOM; quando enviua DESCE UM TOM e UM SEMI-TOM, isto é, fica MEIO TOM ABAIXO do que era antes de casar, mas se contrai segundas nupcias volta ao seu NATURAL. Quando fala mais do que deve, mete APOGEATURA do discurso e mostra não querer ser BREVE. A mulher faladora é um FLAUTIM DESAFINADO. A que fala pouco AUMENTA METADE no seu VALOR, correspondendo este predicado A UM PONTO COLOCADO ADEANTE DE QUALQUER FIGURA. A mulher tem suas VARIAÇÕES que EXECUTA com ARTE sem se importar com as FIGURAS que faz quando julga ir NO TOM. Tambem tem PRELUDIOS que fazem TRANSPORTAR o homem da terra ao SOL sem se lembrar de SI. A mulher PRIMA em ARTE quando quer HARMONISAR as coisas do seu belo prazer. O tempo que a mulher está solteira são COMPASSOS DE ESPERA para entrar no conjunto. Quando enviua entra em SUSPENSÃO.

A mulher DIVIDE-SE EM TRES PARTES como o COMPASSO TRENTARIO: DUAS NO CHÃO (que são os pés), e UMA NO AR (que é a cabeça). Quando a mulher morre acaba-se a SINFONIA terminando em TOM DE DO'.

Sebastião Alfredo da Silva



Uma colheita de... todos o querem. E' Sebastião, 'O Desajuste'. Até as bolas da lotaria vão muito á sua boia!



Ela — Não esteve aqui um sujeito a perguntar por uma senhora de preto?
 O criado — Esteve, sim, senhor, esperou um bocadinho e depois saiu com uma de encarnado.

Prosa de Cha-Velho

Debaixo dos pés se levantam os trabalhos. Debaixo do pé surge o original.

Assim estavam nós hoje sem original para a «Prosa de Cha Velho», e com muito trabalho para o obter, quando, mesmo ao pé de nós, deparámos com uma carta, com esta carta:

«Sr. Director do *Sempre Fixe*: -- Tive o desgosto de ver no ultimo numero do vosso semanario que o sr. Luciano Moreira vos dirigira as boas-festas em francès.

E' de lastimar que em portuguez faça isso, tanto mais sendo elas endereçadas tambem para portugueses.

Será para sabermos que esse senhor conhece o francès? Que importa isso?

Partimos da hipotese que ele é uma pessoa muito culta.

Será ele alguma pessoa de destaque na nossa sociedade? Quem é? Donde veio?

Seja como for, não passou isso mais do que uma pedantice desse senhor, que tem a mania de se tornar saliente.

É a proprio, que não alguma coisa de francès, mesmo quando escrevo para França, faço-o em portuguez não só para divulgar a nossa lingua, mas atendendo a que de lá nunca se nos dirigem na nossa lingua.

Não enfado V. mais sr. director e peço-lhe que me desculpe se por acaso me excedi de mais, mas é que eu, acima de tudo, sou portuguez.

Sem outro assunto, leitor assiduo do *Sempre Fixe*, de V., etc., Alvaro Rosa.»

Mas, onde viu o sr. Alvaro Rosa que o sr. Luciano Moreira nos tivesse escrito em francès?

E diz o sr. Alvaro Rosa que sabe alguma coisa de francès apesar de, patrioticamente, escrever para França em portuguez, patrioticamente e como protesto por eles de lá nos não escreverem na nossa lingua.

E, se leu o bilhete do sr. Luciano Moreira, não compreendeu que ele escreveu a lingua estrangeira patrioticamente mal, como recomendava Mestre Eça de Queiros?

PERE LA CHAISE.

Elevador da Gloria

Na escola:
 O professor: — Diga lá os ossos do craneo!
 O estudante: — Tenho-os todos na cabeça, mas não me ocorrem agora...

O juiz: — Casada?
 A testemunha: — Sim, senhor! Por duas vezes!
 O juiz: — Edade?
 A testemunha: — Vinte e oito anos!
 O juiz: — Tambem por duas vezes?...

Na America:
 Ela: — Teu marido votou a favor da lei seca?
 A outra: — Votou!
 Ela: — Estaria bebado!...

Ele: — A senhora Luiza é vegetariana?
 Ela: — Não! Gosto muito de carneiro!
 Ele: — Ah, quem me dera ser carneiro!
 Ela: — Tambem gosto muito de boi!...

Ela, depois de o ter fulminado com um discurso terrivel e incomensuravel: — Sobram-me condições para dedicar-me ao cine...
 O marido que não perde pilada para lhe responder: — Ao cine sonoro, talvez...

Dois ladrões:
 — Que belo colar está nesta vitrine! Vamos roubá-lo?
 — Espera! E' preciso saber se

vale a pena! Vou perguntar ao calzeiro quanto custa...

Num baile:
 Ele: — Sou inimigo acerrimo do baile!
 Ela: — Então, porque baila?
 Ele: — Para desacreditá-lo!...

Entre amigos:
 — Vejo-te de gravata preta! Morreu tua sogra?
 — Muito pior! Instalou-se de todo em minha casa...

O professor: — Nunca estás no teu lugar quando é preciso! O que faz teu pai?
 O aluno: — E' agente de policia...
 O professor: — Ah! Agora não me admira o que tu fazes...

— Gostou do meu novo automovel?
 — E' muito bonito! Quanto custou?
 — Não sei porque, quando o escolhi, não estava ninguem na garagem...

Entre meudos:
 — Estás contente com o teu novo professor?
 — E' muito mentiroso! Ontem dizia que sete e quatro são onze, e hoje que nove e dois eram tambem onze...



O dono do automovel ao comprador — Creio ser escusado mostrar-lhe que o carro anda. Basta mostrar-lhe os recibos das multas que tenho pago por excesso de velocidade.

A petalho...

O *Diario de Noticias* que se publica em Mass, America do Norte, inseria, num dos seus ultimos numeros chegados a Lisboa, o seguinte curioso anuncio:

«Sou uma bela mulher. A minha cabeleira ondulada envolve-me como uma nuvem. O meu corpo é flexivel como o salgueiro. O meu rosto é doce e brilhante como o setim das flores. Tenho fortuna bastante para passar a travessia da vida, a mão presa na do meu bem amado. Se encontrar um senhor gracioso, terno, inteligente, bem educado, unte-me-hei a ele para sempre, e depois terei o prazer de dividir com ele o descanso eterno num tumulo de marmore cor de rosa.»

Tem tudo, a «salgueirosa» e as-setinada donzeia. Nem lhe falta um... tumulo de marmore!

Outro anuncio original, inserto no *Primeiro de Janeiro*:

Salvé 6-12-930

E' mais uma flor que colhe nas suas 45 primaveras a sr.^a D. Graça da Conceição Vieira, desejando-lhe o seu marido que esta data se repita com felicidade por muitos anos.
 F. F. Viçosa.

Ai temos um marido que, ao contrario de tantos outros, deseja o prolongamento da vida da mulher. Ha trouxas para tudo...

Um correspondente de um jornal republicano da tarde, ao noticiar a morte de um correligionario, começou assim a sua correspondencia:

«A lei inextinguivel da morte sobreviu, a morte, mais esta preciosa vida da jovem republicana... do tao pouco florida.»

Da *Noticia*, de Lourenço Marques:

«ACHADOS

Pelo sr. Tadeu da Silveira foi depositado na nossa redacção um lenço de cabeça, para mulher, que foi encontrado na Rua Dr. Pereira Coelho.

— Ainda temos em nosso poder um boné de estudante que, pela terceira vez, hoje anunciamos.

— Pela menina Antonieta da Cruz Rosa, foi tambem entregue na nossa redacção uns calções de criança, encontrados na Praça da Republica.

Restituem-se a quem pertencer.
 — As lunetas anunciadas no ultimo numero foram entregues ao seu dono, sr. Miguel Joaquim Dias.»

Um lenço, um boné, uns calções, umas lunetas: quasi um enxoval...



— E' mais do que enganar-te. Sei perfeitamente que te engano.
 — Pois então se sabes, para que dizes que te engano?

... e sabe quando? ... na tabacaria MADRID Rua do Mundo. 115



Personagens: ELE e ELA

SCENA I

Em casa d'Ele

ELA (Entra; chama-o; procura-o por toda a casa mas não o encontra): — Não está... Ah! eu não me enganava!... Sou traidor... Ah! os homens! São todos assim! A princípio é uma serie linda de juramentos... Nós, tracas mulheres, cedemos... depois é isto, abandonam-nos cobardemente!... Ah! o vil, o miseravel!

(Pequena pausa, durante a qual dá mostras de desespero) — E eu que tanto o amo! Que infeliz que sou! Sinto que não poderei viver sem o seu amor! (Chorando) Ah! Ah! Ah! Ah! Energica, a voz embargada pelos soluços, depois de limpar as lagrimas com um lenço de seda) Mas hei de vingar-me! Vou para a fita da «Severa»! Não, Vou buscar uma pistola e aqui mesmo, na sua casa, darei cabo da vida!... Sempre quero ver a cara com que ha de ficar o ingrato ao encontrar-me morta, norta de amor por Ele!

(Sai tragicamente, deixando ficar o lenço sobre a mesa).

SCENA II

Em casa d'Ele

ELE (Entra; chama-a; procura-a por toda a casa, mas não a encontra): — Não está!... Não me enganava, pois... Sou traidor!... Ah! as mulheres! São todas assim; a principio, a gente pensa lidar com a mais virtuosa filha de Eva... Os seus beijos embriagam-nos, inebriam-nos os seus carinhos... Depois, depois... (Chorando) Ah! Ah! Ah! (Energico, a voz embargada pelos soluços) Mas hei de vingar-me! Vou entrar na fita do Leitão de Barros! Não, Vou buscar uma pistola e aqui mesmo, na sua casa, dou cabo do canalizo! (Vai saindo, tragicamente; de repente tem uma ideia, para) Mas... não seria mau comer qual-quer coisa! (Vai ao armario, tira pão e queijo e sai comendo. Com a comocão, esquece-se da bengala)

SCENA III

Em casa d'Ele

ELA (Entra com uma pistola na mão): — Eis chegada a hora da vingança! Uma bala, uma só será bastante para libertar-me desta miseravel existencia!... A vida... a vida! A miseria, o lodo, a traição! Não quero viver, não quero! (Encontra o lenço que tinha deixado sobre a mesa, mas não o reconhece) Um lenço de seda?... O lenço da amante, certamente! Ah! miseravel! Cá está a prova! O canalha ha de enco-trá-lo bem junto ao meu cadaver. Sempre quero ver que desculpas me dará! (Sentando-se numa cadeira; encosta a pistola ao ouvido e puxa o gatilho. Ouve-se um fraco estalido; espantada, examina a arma) Esqueci-me do carregador... Ora, bolas!... Vou a casa buscar balas! (Sai, levando o lenço).

SCENA IV

Em casa d'Ele

ELE (Entra com uma pistola na

mão): — Eis chegada a hora da vingança! Uma bala, uma só, será bastante para libertar-me desta miseravel existencia!... A vida... a vida! A miseria, o lodo, a traição! Não quero viver, não quero! (Encontra a bengala que tinha deixado, mas não a reconhece) Uma bengala! A bengala do amante, certamente! Ah! miseravel! Cá está a prova! Esta «F. N.» vai decidir a minha sorte, e este pan ha de ser encontrado bem junto ao meu cadaver! (Lembra-se do pão e do queijo e vai ao armario tirar outra dose mais aumentada. Depois de engulir a ultima migalha) Que bom queijo! E' d'Ele, bem se vê... (Tomando a pistola, leva-a á altura do coração) E agora, adeus vida! (Puxa o gatilho; ouve-se fraco estalido) Assim é que é morrer heroicamente. (Depois de alguns minutos de incerteza) Mas, querem ver que ainda vivo? Que diabo? A verdade é que nada senti!... Não teria eu morrido? (Vai certificar-se, quando Ela entra).

SCENA FINAL

(Ele e Ela)

ELA (Entrando): — Que fazes?

ELE: — Tu!

ELA: — Eu, sim, que venho perguntar-te o nome da dona deste lenço! Agita-o com dec. rezos!

ELE (Sem o olhar): — Dir-me-has primeiro a quem pertence esta bengala!

ELA (Tomando a bengala): — Mas... esta bengala é tua... Fui eu que t'a dei no dia dos teus anos. (Mostra-lhe o castão de prata, com as iniciais d'Ele) Cá estão as iniciais: R. S.

ELE (Estupefacto): — R. S. sou eu!... A minha bengala; reconheço-a! (Corre a abraçar a a. ante).

ELA (Delendo-o com um gesto): — Alto! Quero saber a quem pertence este trapo. (Dá-lhe o lenço).

ELE (Depois de examiná-lo): — Mas este lenço é teu... Fui eu que t'o dei no dia dos teus anos. Cá estão as tuas iniciais: D. M.

ELA Examinando o lenço): — Com efeito! D. M. sou eu! (Corre a abraçá-lo).

ELE (Delendo-o com um gesto): — Dize-me uma coisa: onde estavas tu ha meia hora? Vim a tua casa e não te encontrei; donde vens?

ELA: — Ia fazer-te a mesma pergunta. Tinha ido procurar-te!

ELE: — Fui ingrato; desconfiei da tua pessoa. (Altra com a pistola para um canto da casa) — Perdôa-me!

ELA: — Amo-te! (Abraçam-se e beijam-se).

Cai o pano; a peça é pateada; confusão geral; assobios e batatas; o Artur Portela vociferava e o Dias Costa, o Avellino de Almeida, o Matos Sequeira, o Brito Aranha e o Cristovão Aires põem as mãos nos ouvidos. O empresario, para evitar maior prejuizo, ordena ao bilheteiro que restitua e dinheira dos espectadores. Na rua, os urdinhas apregôam a plenos pulmões o Girasol, o sacro vaso em que o Erico Braga lança o arsenicum...

TAC-TAC-TAC

Joaquim Limpana
E O PROGRESSO

zer Joaquim Limpana aos seus parentes, á sua volta, desde que regressara do Brasil, casado com a senhora Ismenia, natural de Pelotas.

E, quatro dias depois da sua chegada a A-dos-Vedros, terra da sua naturalidade, compradas umas leitras, «para arredondar o casallho», ai o temos, de novo, em Lisboa para mercar candieiros de incandescencia, fogões de pressão, aquecedores de petroleo...

— «Isto, terra sem progresso, é pé sem sapato!» — ia ele repetindo, á medida que ia escolhendo um candieiro Primus (carote, mas bom, garantia o empregado que lho venderia); dois fogões Optimus e dois Excelentissimos, a petroleo, de forte pressão, uma lanterna de incandescencia, muito parecida com um obús, e um aquecedor, tambem a petroleo, que, se não era de marca optimo, era, pelo menos, de marca muito bom.

Limpana voltou para A-dos-Vedros impando de importancia:

— «Isto, meus compadres, terra sem progresso, é pé sem sapato!»

E não esteve com meias medidas:

fogareiros de carvão, bairras de antanho — viste-lhe: tudo fora!

— Isto aqui não é ferro-velho! — comentava Limpana com ar superior. — Isso é para quem nunca viajou...

Duas semanas depois, estava tudo á postos. Desde pela manhã, cedo, se ouvia na vizinhanca o ruido dos fogões de petroleo, aquecendo a agua para o café, fervendo o leite, cosinhando o feijão com chispe do almoço. Logo, por volta das onze, novo trovejar dos fogões no ferver da agua para lavar a loiça, no aquecer do café-sinho requentado, que era o encanto da senhora Ismenia; e, sem demora, a seguir, vinha o coser das couves, o fritar do peixe, o assar da carne, com que o vasto estomago de Limpana com delicia se refastelava.

Era á hora de acender a lanterna optima á entrada da casa, e o primo candieiro na vasta sala das refeições, que era, ao mesmo tempo, palratorio e salão.

A luz era uma maravilha; a rapidez dos cosinhados perfeitamente incrível!

Os vizinhos concordavam: — «Isto do Progresso sempre é coisa de se lhe tirar o chapéu.»

Só quando, numa noite, a optima lanterna da entrada começou a bufar que parecia uma perdita, enchendo o ambiente dum horrendo cheiro de petroleo e o atrio de fumo, é que o Manoel da Nora fez notar aos mais idosos:

— Diabo! que este progresso afinal cheira mal que trezanda!...

Mas Limpana apagou a lanterna, limpou-a cuidadosamente no dia seguinte, pôs-lhe um novo obturador, substituiu-lhe a agulha, ajustando-lhe uma camisa nova, e a lanterna voltou a ser a mesma optima de sempre.

Já pior lhe sucedeu com os optimos fogões, dois dos quais resolveram fazer greve, e não houve agulha que os desentupisse, nem bico novo que os endireitasse. Tiveram de vir a can...ho de Lisboa, para concertar. Três dias depois, fazer a mesma jornada o tal candieiro Primus (dos outros), o qual tinha definitivamente resolvido a só alumiar para dentro.

Limpana começou a notar que á despesa (que consideravelmente aumentara) não correspondia uma (como direi?) estabilidade de luz e de calor, que é o que geralmente, somado á pitança, constitue o conforto dum lar.

A' terceira vez que teve de mandar um excelentissimus ao concer-

to, comunicou as suas duvidas á consorte.

A senhora Ismenia pasmou:

— Pois gasta-se tanto dinheiro, homem?

— Então, nunca tinhas dado por isso?...

— Eu, não. Ha tempos que ando a modos que atordoada. Parece-me que nunca mais saímos do vapor, Joaquim...

— Não ponhas mais na carta, Ismeniasinha: é do barulho que faz toda esta traquitana que eu comprei em Lisboa.

— Olha, sabes o que mais, Limpana? Voltemos ao nosso fogareiro de carvão!

— E aos nossos candieiros antigos que não bufam, Ismenia...

— É á nossa lanterna, Joaquim... Limpana pôs os olhos em alvo e a mão no peito e disse:

— Oh, sim!

E vendeu tudo aquilo para a sucata.

— «E, então, ó Limpana, terra sem progresso... Já não te lembrás?...» — diziam-lhe os vizinhos.

— Lembro, lembro. Mas, ó rapazes, antes descalço que de tamanho torto.

CIRANO DE VELHOFRAC.

Taboletas de Lisboa

Vendo uma taboleta provocante, que diz «Calçado em todos os estilos», um casal de pombinhos intrinqueiros, parou, reuiu e entrou, inda hesitante.

Apres-se o caixeiro instruaente, que podia vender banhas aos quilos, e nessa voz velada dos sigilos empres, um fraco extenuante.

E pergunta solto á mulher: — «Em que estilo deseja «voocencia» que lhe dê o calçado que quizer?»

Ela responde em timbre cristalino: — «Meu marido prefere o «Renasçença», e eu, como sou mais nova, o «Manoelino».

ANTONIO AMARGO.

Antonio Soares



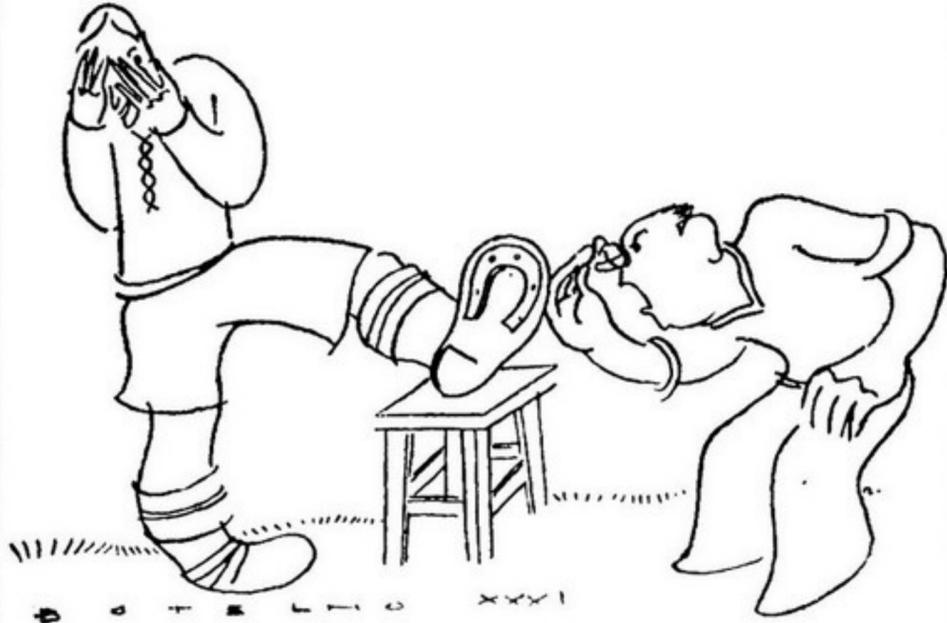
para quem acaba de «soar» a hora da consagração.

Muito tendes muito valeis

DESSPORTOS

Um homem com pouca sorte

A LEI XII



As leis do «foot alteradas por causa... das exaltações

CARLOS BLECK

Olha a linda passarola,
Como vai bela a voar.
Vai a caminho de Angola,
Donde em breve ha de voitar

Foi á terra dos macacos,
E já uma vez ficou
Co'o avião feito em cacos
E o que vale é que escapou

Desde o out-board á vela,
Do monotipo ao motor,
A vida decorre bela
P'ra este caro senhor.

E hoje, mais outro parceiro
L. vai de Angola á procura.
E' meu desejo primeiro
Que tenham muita ventura.

ZE MARIA.

O Mestre de Armas ANTONIO MARTINS



AO Mestre
Sincera
Homenagem
do

A quem no sábado 17 os seus amigos e admiradores prestam uma sincera homenagem

O Isidoro vivia muito mal porque ganhava pouco e tinha que sustentar a mulher, quatro filhos, cinco casas e um vão de escada. Ora como o Isidoro mal ganhava para a renda da casa, a alimentação era em forma de sofisma. As vizinhas nutriam por ele um desprezo que até metia aflição e o proprio tendeiro da esquina não lhe vendia nada sem ele pagar adiantado.

Ora um dia... Casos como estes que vou contar sucedem sempre um dia. O patrão do Isidoro, sabendo que ele era um desgraçado no mais elevado grau, lembrou-se de lhe dar quatro contos para ele comprar um bilhete para a loteria do Natal.

O Isidoro recebeu o dinheiro, foi para casa e nunca mais se lembrou de comprar o bilhete. Foi preciso que na rua passasse um cauleiro para o nosso homem vir apressado ao meio da rua e comprar um bilhete.

Uma vizinha, destas que teem todo o curso de bisbilhoteiras, viu o Isidoro comprar o bilhete e foi logo ver o numero que ele tinha comprado.

O Isidoro entregou o bilhete ao patrão e como ele não tinha jogado por falta de capital, não mais se importou com a sorte grande do Natal.

Chegou o dia de andar a roda e a tal senhora vizinha constatou, muda de espanto, que o bilhete que o Isidoro tinha comprado era o da sorte grande do Natal.

Badalou pela freguesia que o Isidoro estava rico e aqui é que começou a tragedia.

Quasi á noite, o Isidoro vai para casa e qual não é o seu espanto quando vê o merceiro da esquina a cumprimentá-lo e a oferecer um queijo flamengo que lhe tinha chegado naquela tarde e que era mesmo uma especialidade. O Isidoro ainda alegou que não tinha dinheiro, mas o merceiro, com o melhor dos sorrisos, disse-lhe que pagava depois, que isso não tinha importancia.

Uma menina que frequenta o Bristol e que nutria pelo Isidoro um desprezo tão grande que lhe chegava para a familia toda, convidou-o logo para um passeio no lago do Campo Grande. Toda a vizinhança o cumprimentava com o melhor dos sorrisos.

O Isidoro estranhava tudo isto porque sabia que era desprezado por toda a gente. Mas o pior foi quando chegou a casa e viu a mulher penteada, os filhos com a cara lavada e todo o resto da familia, que nunca o visitava porque sabia que ele não lhes podia dar de jantar, muito cheios de prendas, todos vestidos de grande cerimonia.

O Isidoro, cada vez mais intrigado, quiz saber porque era tudo aquilo. Caiu das nuvens, como se pode calcular, quando lhe disseram que lhe tinha saído a sorte grande.

Quando o Isidoro explicou que o bilhete não era dele mas sim do patrão, foi um desastre.

A familia reirouse sem se despedir e levou as prendas, o merceiro mandou logo buscar o queijo que tinha oferecido, a «cocotte» do Bristol retirou a palavra, as vizinhas arranjaram para ele um desprezo muito maior que o antigo, e a mulher, arrelhiadissima, despendeu-se e os filhos trataram logo de sujar a cara.

FERNANDO D'AVILA.

BARBIE-SE COM LAMINAS



As de mais fina tempera

O meu amigo Evaristo, de quem já tenho tido o prazer de falar aos leitores, é um homem que tem passado a vida a hesitar sobre o emprego que lhe possa convir. Apalxonado pelas fitas, pensou ao principio em ser «cow-boy». Teve, porém, de se empregar numa loja, onde passava a vida a acarretar com sacas e viu-se transformado em «cow-boy de mercadorias». Pensou em ir para a Guerra como voluntario e acabou a Guerra; pediu um emprego para uma fabrica e a fabrica faliu.

Arrelhiado com tantas contrariedades, pensava o Evaristo em estudar para deputado, que é um emprego que ainda ha de vir a dar muito, quando se lembrou de escrever uma peça para o Nacional. Como, porém, o Evaristo é português de nascença e o Teatro Nacional, nessa altura, só levava peças estrangeiras, foi a sua recusa-da.

Era pelo Natal e estava eu realizando um inquerito entre varias pessoas importantes, sobre o emprego que dariam a «taluda», caso ela lhes saísse. Sabedor de todas as aventuras da acidentada vida do Evaristo, não podia deixar de me dirigir a ele, a fim de saber a sua opinião em tão magno problema.

Apanhei-o ontem, estava ele, entre as 10 e as 11, á porta da «ginjinha», aonde aliás costumo estar muitos em identicas circunstancias. Sem hesitar, saquei da algibeira um molho de «linguados» e atirei á queima-fato:

— O' Evaristo, que fazias tu se te saísse a sorte grande do Na-?

O Evaristo pensou uns momentos, teve um sorriso estranho e respondeu:

— Olha, ficava muito admirado, porque não tenho jogo!

Decididamente, não ha forma da gente se entender com um Evaristo destes!

A. N.



— Que me dizes tu ao padre? De manhã falou sobre a mulher e á tarde sobre o diabo.

— O quê, dois sermões sobre o mesmo assunto?

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 -- LISBOA

Sempre sortes grandes

O proximo numero do

KINO

COM 12 PAGINAS

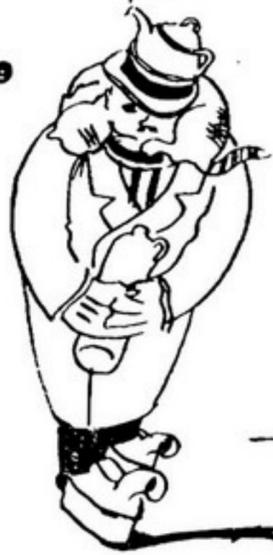
ECOS DA SEMANA

BREVEMENTE INAUGURAÇÃO DO NOVO MATERIAL NA RUA DA ESCOLA POLI... TAL...



COMO SE DEFENDEU UM TRANSEUNTE PARA NÃO TRANSIR

2º DE F E R R O



A UMA GALANTE MENINA AS LAGRIMAS GELARAM EM FORMA DE GALANTINA



O "PAPA POMBOS" APÓS ALGUMAS MASSAGENS DO "FERRÓBICO" SOLTOU O ÚLTIMO SUSPIRO E... OS ÚLTIMOS POMBOS



TODO O MUNDO ANDA DEVERAS ATRAPALHADO SEM SABER ONDE IRÁ CAIR O BALAZIO DISPARADO DO MONTE "REIDORTA"

ABAIXEM-SE QUE LA' VEN ELE

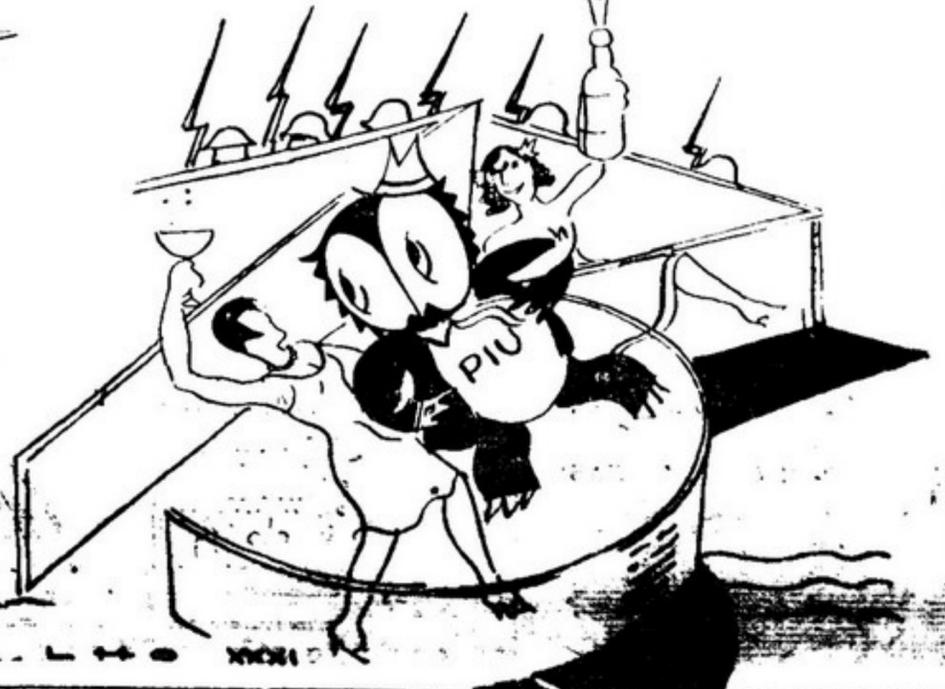


QUEM SERÁ O DESGRAÇADO QUE AMOCHA COM ELE NA MOCHA?

O MAISTRO DE BEIREUTH FRANS HOESSLIN QUE FEZ VIBRAR OS MUSICOS OS INSTRUMENTOS A PLATEIA E UM PONTAPÉ QUE DEU NO PARQUEIRO



O ANO DE 1932 SERÁ DE 13 MEZES INICIANDO-SE ASSIM OS ANOS DO AZAR. O DERRADEIRO DA SORTE. ANTES QUE REBENTE O 31... APROVEITEMOS HAJA BRÓDIO



TIVOLI

BOTILHEIRO